

O GOOGLE TRADUTOR E SUAS FUNÇÕES: RESSIGNIFICANDO A FERRAMENTA PARA TRADUÇÃO

Deuzimar Maria de FREITAS
gilmar_tins@yahoo.combr

<http://lattes.cnpq.br/7084200082633948>

Gilmar Martins de Freitas FERNANDES
gilmar_tins@yahoo.combr

<http://lattes.cnpq.br/9552406331164267>

RESUMO

Neste artigo, narro uma experiência de ressignificação de uso da ferramenta de tradução Google Tradutor por uma professora em formação de língua inglesa. Ao realizá-lo, objetivei investigar e analisar algumas possibilidades de uso do tradutor no ensino-aprendizagem de inglês e como uma professora de inglês em formação usa o Google Tradutor para traduzir textos do português para o inglês. No decorrer deste estudo, me questioneei: Quais os passos para traduzir um texto do português para o inglês com o auxílio do Google Tradutor? Como o tradutor pode ser usado no ensino-aprendizagem de inglês? Quais as possíveis diferenças entre usar o Google Tradutor e o dicionário? Para desenvolver o presente artigo, adoto como perspectiva teórico-metodológica a Pesquisa Narrativa (Clandinin, Connelly, 1994,2000,2007,2011; Connelly; Clandinin,1990,1994), na qual a análise dos textos de campo é feita pela composição de sentidos (ELY; VINZ; DOWNING; ANZUL, 2001). Por meio das histórias que vivi nesta pesquisa, aprendi que para traduzir um texto do português para o inglês, com o auxílio do Google Tradutor, é necessário levar em consideração que a ferramenta de tradução, em alguns casos, traduz apenas as palavras, o que pode fazer com o que o texto traduzido fique sem sentido. Ademais, foi possível verificar que a tradução por meio do Google Tradutor pode ser adequada ou inadequada, dependendo de como o usuário se apropria e usa a ferramenta e, ainda, que o sentido de uma frase não está nas palavras em si, mas no conjunto e união delas.

Palavras-chave: Google Tradutor; Tradução; Ensino e aprendizagem de línguas por meio de tecnologias digitais; Formação de professores de línguas estrangeiras.

Eu comecei a ter contato com a língua inglesa aos oito anos de idade, nessa época eu assistia desenhos em inglês, mas não entendia o que os personagens diziam. Já aos treze anos, na quinta série, lembro-me de que a professora passava atividades no quadro e eu não entendia nada. Ela nunca pediu que eu ou meus colegas lêssemos

algum texto lá na frente, até porque se pedisse não adiantaria nada, pois nós não iríamos conseguir ler.

Ingressei na faculdade no curso de Letras, porque tinha muita vontade de aprender inglês, mas do primeiro ao quinto semestre tive poucas aulas de língua inglesa, pois em vários processos seletivos para professores de inglês, realizados na instituição em que estudo, não havia candidatos. Lembro-me que, no quinto semestre, fomos convidados a assistir aulas de inglês com uma turma do sétimo semestre, pois havia um professor lecionando nessa turma. Quando entramos na turma, só havia um mês restante de aula.

O conteúdo que o professor trabalhava nessa turma conosco, ele também trabalhava com outra turma. Lembro-me também que o professor dava folhas de atividades para nós respondermos na sala, como atividade de casa, que ele corrigia na aula seguinte. Nessas folhas, havia atividades em que tínhamos que escrever o significado da palavra em inglês (do tipo “use the words in the box”), marcar as colunas de acordo com as descrições apresentadas (do tipo “choose the right description”), completar as conversas dos personagens (que havia questões como “Which are more casual? Complete this conversation with questions. Which of these clothing items are more formal? Complete the chart), escrever os nomes dos objetos em inglês (atividades como “write the opposites”), entre outras.

Lembro-me também que no último dia de aula ele levou a turma para o laboratório e passou um clipe do cantor Bruno Mars. Ele tocou a música “It will rain” e pediu que a turma escrevesse o que a música significava para cada um. Em seguida, ele fez outra atividade relacionada ao Google Tradutor, que não lembro exatamente qual foi, depois recolheu as atividades e levou com ele, mas não fez nenhum comentário sobre os significados que tínhamos dado à música.

Como citei acima, os conteúdos que o professor trabalhou durante o mês que estivemos com essa turma foram os mesmos. Ele dava a atividade e explicava como fazer, mas não me lembro de ter aprendido alguma coisa, pois, como a turma quase não conseguia fazer as atividades, ele fazia junto. Certa vez, o professor passou uma atividade em grupo, que não lembro exatamente como foi em que tínhamos que traduzir

um texto. Dessa atividade, não me lembro de ter aprendido algum aspecto da língua inglesa, mas foi através dessa atividade que conheci o Google Tradutor.

Nessa disciplina, fizemos outras atividades em inglês como, por exemplo, produzimos textos escritos sobre a copa do mundo da FIFA, sobre a minha família (intitulado “Eu amo minha família”), sobre os animais (lemos o texto “Teia da Aranha”), sobre entrevista, apresentação pessoal e os passos para se escrever um ensaio. Aprendi, também, a não traduzir o inglês ao “pé da letra” porque tira o sentido do texto ou da frase e com os mesmos textos citados acima o professor fazia produção oral com os alunos.

Houve outra atividade bastante interessante, que gostei muito, em que escrevi um ensaio em inglês. Por meio dessa atividade passei a conhecer mais as palavras em inglês e suas traduções, devido às pesquisas que fazia na *internet* para o trabalho. Também houve outras atividades que o professor ensinou, como resenha, na língua inglesa, apresentação de um painel, a elaboração de um resumo (abstract) e outras atividades no laboratório de línguas, todas essas atividades foram individuais.

A *internet* e algumas ferramentas digitais têm contribuído para o meu aprendizado da língua inglesa, assim, todas as vezes que preciso pesquisar um trabalho que os professores passam, por exemplo, eu recorro a elas. O Google Tradutor é uma das ferramentas digitais que mais tem me auxiliado atualmente, principalmente para pesquisar os significados das palavras em inglês, para ouvir as pronúncias das palavras em inglês e para traduzir do Português para o Inglês e vice-versa.

No entanto, embora use algumas dessas ferramentas *online* e vários recursos da *internet*, percebo que tenho pouco conhecimento sobre elas e, por isso, a partir das histórias que contei anteriormente, acredito ser importante pesquisar sobre o uso que faço dessas tecnologias digitais para aprendizagem e, também, ensino de inglês. Portanto, como uma professora em formação de inglês que usa essas tecnologias, vejo a necessidade de aprender a usar as tecnologias digitais criticamente de forma que contribua para que eu ensine meus alunos a aprender inglês por meio delas.

Dessa forma, neste artigo pretendo, especificamente, investigar o uso que faço da ferramenta digital Google Tradutor. Portanto, proponho como objetivo geral “Investigar e

analisar algumas possibilidades de uso da ferramenta de tradução Google Tradutor”; e como objetivos específicos: 1- Investigar como uma professora de inglês, em formação, usa o Google Tradutor para traduzir textos do português para o inglês; 2- Analisar os possíveis aprendizados de uma professora em formação de inglês sobre o processo de tradução de textos.

Para alcançar meus objetivos, (re) conto o processo de busca por uma tradução em língua inglesa da frase “Ana cansou de quebrar a cabeça pensando nas olimpíadas de matemática, revoltada desistiu da competição”, sentença que fora criada especificamente para a investigação narrativa que proponho neste estudo. Nesta pesquisa, adoto como caminho teórico-metodológico a Pesquisa Narrativa, relato algumas descobertas sobre o tradutor *online* e algumas possíveis respostas às seguintes perguntas: Quais são os passos para traduzir um texto do português para o inglês, com o auxílio do Google Tradutor? Como o tradutor pode ser usado no ensino-aprendizagem de língua inglesa? Quais as possíveis diferenças entre usar o Google Tradutor e o dicionário?

ALGUMAS PERSPECTIVAS A RESPEITO DA TRADUÇÃO DE TEXTOS

Conforme Souza (1998), o processo de tradução é complexo que engloba questões de leitura, interpretação e ressignificação, ou substituição, de termos-sentidos de uma língua para outra e, portanto, é necessária cautela ao se referir a ele. O próprio termo tradução é múltiplo e pode causar dubiedade quanto ao seu significado, uma vez que tem vários sentidos e pode significar: “ (a) o produto (ou seja, o texto traduzido); (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo). ” (SOUZA, 1998, p. 51). Assim sendo, é importante que, ao se referir à tradução, seja esclarecido o sentido específico no qual ele é empregado.

Nesta pesquisa, me refiro aos dois primeiros sentidos do termo: ao produto e ao processo de tradução. A referência ao produto é feita para questionarmos sobre a frase que fora traduzida pelo Google Tradutor; já a referência ao processo de tradução, é feita para descrever e analisar os caminhos possíveis para alcançar uma tradução em língua inglesa de uma frase que foi criada em língua portuguesa.

No que concerne ao processo de tradução, segundo Souza (1998, p. 51 *apud* Nida, 1993:155), não há uma teoria unificada que estabeleça princípios técnicos sobre a tradução, mas há teorias que contribuem para a compreensão da natureza da tradução e que estabelecem critérios de avaliação sobre um texto traduzido; para o autor, o tradutor precisa de antemão, ler e compreender o texto a ser traduzido considerando questões linguísticas e extralinguísticas.

Agra (2007), aponta a importância da Língua e da cultura no processo de tradução porque, de acordo com a autora, a tradução não é traduzir o significado de palavras apenas, mas é traduzir palavras-termos-conceitos de acordo com a cultura de cada mundo e contexto; ainda que o significado da palavra de uma língua para outra pode não ser o bastante para expressar o sentido que se deseja da frase inicial, original.

Conforme Agra (2007, p.8 *apud* VERMEER, 1986:33), “a tradução não é transcodificação de palavras ou sentenças de uma língua para outra, mas uma complexa forma de ação, por meio das quais informações são geradas em um texto (material da língua-fonte) em uma nova situação e sob condições funcionais, culturais e linguísticas modificadas, preservando-se os aspectos formais os mais próximos possíveis.”

Ainda conforme Souza (1998), a tradução de um texto pode ser compreendida como a substituição e produção de significados de acordo com cada língua e cada contexto. Assim, em certos momentos, deve-se fazer a troca de palavras para chegar a um significado aproximado do texto original. O autor também afirma que para fazer uma tradução o leitor deve ler o texto e entender o seu significado, analisando as imagens, os gráficos, as palavras cognatas do texto e outras questões. Assim, após fazer essa leitura técnica, o tradutor pode conseguir traduzir o texto de acordo com o contexto e o sentido do texto original.

Para Souza (1998), existem dois tipos válidos de tradução, a tradução literal e a tradução livre. Com relação ao conceito de tradução livre, o autor afirma que ele está associado à ideia de tradução infiel, parcial e subjetiva. Já com relação ao conceito de tradução literal está associada a ideia de tradução fiel, neutra e objetiva. A tradução livre é entendida como um processo optativo em que o leitor traduz o texto de forma livre, ou

seja, é uma tradução que privilegia os sentidos. Já a tradução literal privilegia a tradução fiel das palavras e conceitos.

De acordo com Bell apud Souza (1998, p. 53), “toda língua é uma estrutura formal - um código – que consiste em elementos que pode combinar-se para veicular ‘sentido’ semântico e, ao mesmo tempo, um sistema de comunicação que emprega as formas do código para referir-se a entidades (do mundo real ou imaginário) e cria sinais que possuem ‘valores’ comunicativos”. Assim, sendo a língua um sistema de comunicação, a tradução é um processo que possibilita a comunicação entre uma mesma língua ou entre línguas diferentes.

Sob essa perspectiva, nesta pesquisa, privilegio a tradução livre por acreditar que os sentidos são parciais e subjetivos de uma língua para outra e, até mesmo, em uma mesma língua. Além disso, neste estudo busco algumas possibilidades de tradução para uma frase específica, mas acredito que essa mesma frase poderá ser traduzida para a língua inglesa de formas diferentes, dependendo de várias questões, como o contexto, a história de vida do tradutor, as experiências linguísticas deste mesmo tradutor, os conhecimentos culturais do leitor e tradutor de uma determinada frase, dentre várias outras. Faço essa escolha por comungar com as concepções de Souza (1998):

O sentido de um texto não está nem totalmente no autor, nem totalmente no texto, nem totalmente no leitor. É o resultado de uma negociação entre todas as partes envolvidas. Inversamente, podemos afirmar que o sentido de um texto está parcialmente: no autor, no texto (enquanto objeto linguístico), no leitor e no contexto situacional. (SOUZA, 1998, P. 57).

Assim sendo, desenvolvi este trabalho tendo em mente que a tradução é um processo de tentativa em alcançar, ou representar, o sentido de uma frase de uma língua em outra e, também, que a compreensão de um texto envolve uma negociação entre autor, texto, leitor – tradutor. No entanto, essa tentativa não representa uma possibilidade única de tradução, ou seja, uma mesma frase pode ser, e frequentemente é, traduzida de forma diferente dependendo de quando, por quem e com qual finalidade foi traduzida. Ainda, por acreditar que, para entender o texto a ser traduzido, o tradutor precisa conhecer as formas ortográficas, os significados das estruturas e das palavras que

compõem a frase, o contexto de produção da frase em questão e, ainda, muitas vezes, o autor e o momento histórico em que a mesma foi produzida.

A PESQUISA NARRATIVA

Neste artigo, adoto como perspectiva teórico-metodológica a Pesquisa Narrativa, por meio da qual analiso uma experiência de tradução com o auxílio do Google Tradutor. Opto por esse caminho teórico e metodológico uma vez que ele me possibilita a, narrativamente, investigar, analisar e compartilhar minhas experiências de aprendizagem sobre o uso do tradutor (CLANDININ; CONNELLY, 1994, 2000, 2007, 2011; CONNELLY; CLANDININ, 1990, 1994).

Clandinin e Connelly (2011) afirmam que a narrativa das experiências de vida dos sujeitos lhes possibilita reviver suas histórias e que a narrativa dos processos de ensino e aprendizagem dos sujeitos lhes permitem repensar sobre suas histórias e experiências educacionais. Segundo os autores, cada pesquisa de campo contém uma história diferente e que cada sujeito tem uma experiência de vida a ser contada, assim a Pesquisa Narrativa oferece um espaço para expor essas histórias.

Ainda conforme Clandinin e Connelly (2011), as pessoas são vidas historiadas, em postagens historiadas, que são marcadas pelos acontecimentos de suas vidas; assim, um pesquisador narrativo precisa dar voz às experiências de seus participantes de pesquisa e aprender a aceitar todo tipo de voz, mas, deve ser cauteloso quando estiver desenvolvendo sua pesquisa, pois pode lidar com questões dolorosas e muito pessoais dos participantes de seu estudo. Várias pesquisas têm sido feitas sob essa perspectiva e têm contribuído para a reflexão sobre as histórias e experiências de vida dos sujeitos, como, por exemplo, Almeida (2008), Bengezen (2010) e Fernandes (2014).

Almeida (2008) realizou uma pesquisa em uma escola para pessoas com deficiência visual e teve como objetivos relatar e analisar uma experiência de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual na aula de leitura. Em seu trabalho, a autora realizou uma pesquisa narrativa em que estudou a interação entre ela e os alunos durante as aulas de leitura no contexto de uma escola especial para pessoas com deficiência visual. Por meio das histórias narradas em sua pesquisa, a autora discutiu

sobre algumas questões que podem contribuir para acabar com os preconceitos relacionados às pessoas com deficiência visual.

Fernandes (2014) desenvolveu uma pesquisa narrativa em que narrou sua primeira experiência docente em um curso de extensão sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras mediados por tecnologias digitais com os outros participantes do curso, professores em formação e graduados do curso de Letras. Por meio de sua pesquisa, o autor relatou uma importante experiência de um jovem pesquisador, aparentemente digitalmente letrado, que se questionou como ensinar e aprender línguas por meio de tecnologias digitais e sobre a importância de contribuir para a formação de professores recém-formados em Letras para o ensino de línguas estrangeiras.

TEXTOS DE CAMPO E COMPOSIÇÃO DE SENTIDOS

De acordo com Clandinin e Connelly (2011), textos de campo são textos criados pela/na troca de experiências entre os participantes de uma Pesquisa Narrativa. Conforme abordado pelos autores, os textos de campo surgem naturalmente dos participantes, assim, o pesquisador precisa ficar atento para registrar todo e qualquer acontecimento fruto das histórias vividas por ele e os demais participantes em uma experiência de pesquisa.

Para Clandinin e Connelly (2011), os textos de campo não são dados, mas uma interpretação do comportamento e das histórias dos participantes e, também, da pesquisa. Os autores também afirmam que os textos de campo podem variar quanto aos tipos e formas, e eles podem ser, por exemplo, fotos, anotações pessoais, diários, avaliações, cópias de cadernos, e muitos outros. Segundo os autores, esses textos podem se constituir como caixas de memórias, pois por meio deles é possível relembrar as histórias e experiências vividas entre os participantes de uma pesquisa.

Portanto, os textos de campo que compõem esta pesquisa são minhas histórias – narrativas pessoais a respeito do uso do Google Tradutor, antes e durante a pesquisa relatada neste artigo; print screens das telas dos *sites* que consultei para traduzir a frase relatada nesta pesquisa; frases - palavras e traduções delas, retiradas de dicionários

online e impressos; e, também, os links, endereços eletrônicos, dos *sites* onde pesquisei as traduções para os termos relatados no presente trabalho.

A análise dos textos de campo desta pesquisa é feita pelo processo de composição de sentidos sobre as histórias-experiências (re) contadas neste estudo. O processo de composição de sentidos é o processo pelo qual os textos de campo são (re) construídos e (re) significados pelo (re) contar e (re) viver das experiências – histórias vividas pelos sujeitos (ELY; VINZ; ANZUL; DOWNING, 2001).

Conforme Clandinin e Connelly (2011), (re) contar e (re) viver nossas próprias histórias cria a oportunidade para nosso desenvolvimento e mudança, uma vez que temos a oportunidade de crescer diante das narrativas de nossas histórias. De acordo com os autores, a (re) construção de nossas experiências e histórias por meio de narrativas é um processo único que contempla duas características intrinsecamente relacionadas: ela é o fenômeno e, ao mesmo tempo, o método de análise desse fenômeno. O processo de contar nossas próprias histórias é compreendido como um fenômeno porque é a narrativa de um evento ou experiência que aconteceu, já o processo de recontar essa narrativa-história-experiência é compreendido como o método de pesquisa do fenômeno, ou seja, é o método pelo qual elas podem ser reconstruídas, ressignificadas.

CONCECTANDO AO GOOGLE TRADUTOR

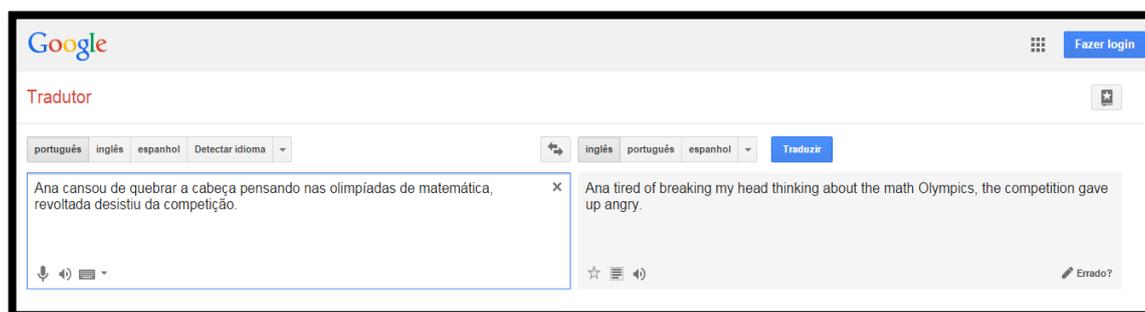
Meus primeiros contatos com o Google Tradutor...

Usei o Google Tradutor pela primeira vez na universidade, para realizar uma tarefa da disciplina de língua inglesa. Certo dia, no quinto semestre, o professor levou minha turma para fazer uma atividade no laboratório de informática, em dupla. Não lembro exatamente como era a atividade que fizemos, mas tínhamos que usar o tradutor para traduzir algumas frases que estavam em inglês. Tive dificuldade para realizar a tarefa, pois não sabia usar essa ferramenta digital. No sexto semestre, usei o Google Tradutor pela segunda vez para realizar uma atividade em que tive que fazer minha apresentação pessoal em inglês. Para executar esta tarefa, eu escrevia o texto em português e digitava no tradutor para que ele traduzisse do português para o inglês. Tive muita dificuldade nessa atividade, pois, como não sabia usar a ferramenta, eu traduzia

palavra por palavra, até mesmo o artigo “a”. Passei quase o dia todo na frente do computador para fazer a tradução de umas dez frases, sem falar que, a cada palavra que traduzia, eu passava um risco no caderno para marcar que já tinha traduzido.

Do sexto semestre em diante, comecei a usar a ferramenta de tradução com mais frequência e sempre que necessário a usava para traduzir as palavras do inglês para o português e do português para o inglês. Além disso, também comecei a usar o Google Tradutor para saber os significados das palavras em inglês. Ao usar o tradutor com mais frequência, percebo que ganhei mais agilidade para digitar na ferramenta e que me sinto mais segura para realizar minhas atividades da faculdade.

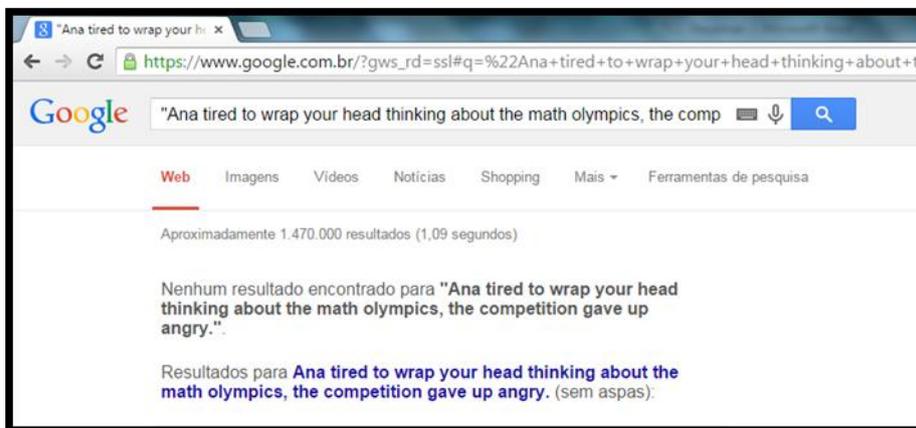
Quebrando a cabeça com o Google Tradutor...



No oitavo semestre do curso de Letras, meu orientador e eu decidimos explorar mais essa ferramenta digital e pesquisar sobre o uso que eu fazia dessa ferramenta de tradução e sobre as possibilidades que a ferramenta tinha a nos oferecer. Assim, decidimos criar uma frase que tivesse gírias ou expressões para que pudéssemos testar a ferramenta de tradução do Google para traduzi-la do português para o inglês. Eu criei a seguinte frase “Ana cansou de quebrar a cabeça pensando nas olimpíadas de matemática, revoltada desistiu da competição” e digitei no Google Tradutor, como pode ser visto na imagem anterior.

Logo após digitar a frase em português no tradutor, a ferramenta sugeriu a seguinte tradução, em inglês, “Ana tired to wrap your head thinking about the math Olympics, the competition gave up angry”. Em seguida, digitei essa frase entre aspas no navegador do Google Chrome e me deparei com duas mensagens, uma dizendo “nenhum resultado para a minha frase” e outra dizendo “Resultados para Ana tired to wrap your

head thinking about the math Olympics, the competition gave up angry (sem aspas) ”, como na imagem a seguir:



Quando li essa segunda mensagem “**Resultados para...**”, acreditei que a tradução que o Google Tradutor havia feito estava correta, porque apareceu a frase em azul, e em negrito, igual a que eu tinha criado, na barra de digitação. No entanto, eu não sabia o que essa mensagem queria dizer exatamente, pois esta foi a primeira vez em que me dediquei a refletir sobre esse processo de pesquisa no Google em busca de uma tradução.

Alguns dias depois, em reunião com meu orientador, cheguei à conclusão de que minha tradução poderia não estar certa, pois quando o Google Tradutor mostrou a mensagem “**Nenhum resultado para...**”, o sistema estava informando que não havia encontrado essa frase nos bancos de dados, o que significa que essa frase nunca foi digitada ou falada por ninguém na *internet*. Logo, a tradução da minha frase poderia estar errada.

Decidimos fazer uma nova tentativa e digitar a frase mais uma vez na ferramenta de tradução para verificar qual seria a tradução que a ferramenta sugeriria e se seria a mesma que ela havia proposto anteriormente. Quando digitamos na ferramenta, percebemos que o tradutor sugeriu uma nova tradução para a mesma frase: Ana tired of breaking my head thinking about the math Olympics, the competition gave up angry.

Diante dessa nova possibilidade de tradução, meu orientador me sugeriu que revisássemos a tradução minuciosamente, para verificarmos se ela estava correta. Primeiramente, decidimos explicar, separadamente, cada parte da frase em português

para ver qual o sentido das palavras e das expressões. Assim, dividi a frase “Ana cansou de quebrar a cabeça pensando nas olimpíadas de matemática, revoltada desistiu da competição” em oito partes, e procurei o significado para cada uma, como apresento a seguir.

1. **Ana** - é um substantivo próprio que, normalmente, dá nome ao sujeito do sexo feminino. Em português, um substantivo próprio inicia com letra maiúscula.
2. **Cansou** – é um verbo que se refere a alguém que ficou exausto de realizar alguma atividade.
3. **Quebrar a cabeça** – é uma expressão usada para se referir a uma pessoa que pensa muito sobre determinado assunto ou questão, com o objetivo de achar uma solução para esse assunto ou questão.
4. **Pensando** - é um comportamento humano no qual o indivíduo raciocina sobre algo.
5. **Olimpíada de Matemática** – no Brasil, é uma prova de matemática realizada anualmente para avaliar os conhecimentos matemáticos de alunos da rede pública de ensino.
6. **Revoltada** – é um estado humano no qual o sujeito fica indignado com/sobre algo.
7. **Desistiu** – é um verbo que se refere a alguém que abandonou, largou ou deixou de fazer algo.
8. **Competição**- é uma disputa entre algumas pessoas, em que alguns serão os vencedores.

Após ter explicado o sentido de cada expressão e palavra, elaborei um sentido geral que resumisse o sentido da frase em Português:

A primeira parte da frase “Ana cansou de quebrar a cabeça pensando nas olimpíadas de matemática” se refere a alguém que se cansou, mentalmente, de fazer algo, nesse caso, de pensar sobre uma competição, as olimpíadas de matemática. A segunda parte da frase “revoltada desistiu da competição” se refere a alguém que ficou contrariada com algo e, por isso, deixou de participar de uma competição.

Logo depois, fiz o mesmo processo com a frase em inglês que traduzi usando o Google Tradutor Ana tired of breaking my head thinking about the math Olympics, the competition gave up angry, dividi a frase em oito partes para explicar cada uma, como pode ser visto a seguir.

1. **Ana** – é um substantivo próprio que, normalmente, dá nome ao sujeito do sexo feminino.

2. **Tired** –é um adjetivo-verbo que se refere a uma pessoa que está fadigada, exausta de fazer algo. Em inglês se refere a um cansaço físico.

3. **Breaking my head** – em português, uma tradução literal das palavras indicaria “quebrando minha cabeça”; contudo, em inglês, a palavra break significa quebrar, romper, partir algo em pedaços. Assim, o sentido da frase seria o de uma pessoa quebrando ou partindo sua própria cabeça ao meio ou em pedaços.

4. **Thinking** – em inglês, a palavra “think” pode se referir a ação de pensar, achar, acreditar, imaginar ou refletir, dependendo da preposição que vem à sua frente ou do contexto. Por se constituir pelo verbo no infinitivo “think” mais a partícula “ing”, que comumente altera os verbos do infinitivo para o gerúndio, a palavra “thinking” pode se referir aos verbos descritos anteriormente no gerúndio; mas, pode, também, se referir ao substantivo pensamento e, ainda, aos adjetivos “racional” e “inteligente”.

5. **Math Olympics** - é uma prova de matemática aplicada para avaliar os conhecimentos matemáticos dos participantes.

6. **Angry** – é um adjetivo que se refere a uma pessoa indignada, furiosa, irada ou com raiva de algo, contra alguma coisa ou alguém.

7. **Gave up** – é uma ação que se refere ao indivíduo que deixou de fazer alguma coisa ou algo porque não quis mais.

8. **Competition** – é uma disputa entre algumas pessoas.

Da mesma forma que fiz com a versão em português, eu elaborei um sentido geral da frase em inglês que traduzi usando o Google Tradutor e cheguei à seguinte conclusão:

A primeira parte da frase em inglês “Ana tired breaking my head thinking about the math olympics” fala de alguém que está cansado fisicamente e que quebra a cabeça de alguém ao meio ou em várias partes. Além disso, a segunda parte da frase “the competition gave up angry” expressa a ideia de que competição desistiu de fazer algo. A palavra “angry” fica deslocada no final da frase porque é um adjetivo que, em inglês, deveria vir antes do substantivo “competition”. Ela, significa, sozinha, “com raiva” ou “furiosa”, mas na frase “the competition gave up angry”, ela vem depois do substantivo e no final da frase, assim fica sem sentido.

Em termos gramaticais e semânticos, pode-se afirmar que a primeira parte da frase traduzida pelo Google Tradutor “Ana tired breaking my head thinking about the Math Olympics” é gramatical, embora pouco usual, mas de um modo que não expressa o sentido original da frase em português. Por outro lado, a segunda parte da frase “the

competition gave up angry” é agramatical e não faz sentido em inglês, pois remete à ideia de que uma competição desistiu de algo, e a palavra “furiosa” fica solta no final da frase.

Logo após ter elaborado os sentidos gerais das duas versões da minha frase, uma em português e a outra em inglês, eu identifiquei que a tradução da frase criada a partir do tradutor não tinha o mesmo sentido que a minha frase em português, então precisei passar por algumas etapas e processos para chegar ao sentido da frase que eu havia criado em português, como pode ser observado a seguir.

Primeiramente, pesquisei a frase no Google Tradutor, palavra por palavra, para ver se aquelas palavras estavam corretas. Eu clicava em cada palavra da frase em português que o tradutor traduziu, e a ferramenta sugeria outras traduções para uma mesma palavra. Nessa pesquisa, identifiquei que as palavras estavam corretas, ou seja, existiam em inglês e estavam escritas corretamente, mas essa etapa não foi suficiente para verificar se o sentido da frase traduzida condizia com a frase original.

Logo depois, digitei a frase completa entre aspas na ferramenta de pesquisa Google para ver se aquela frase existia e se já tinha sido escrita por alguém na *internet*. Optei por digitar as palavras e termos entre aspas para que a ferramenta de pesquisa procurasse *sites* em que existam apenas frases/palavras idênticas às que digitei. Com essa pesquisa, percebi que a minha frase era uma frase nova porque não a encontrei em lugar algum.

Depois dessa pesquisa, tentei verificar se minha frase estava correta por meio de uma pesquisa por imagens, assim, na ferramenta de pesquisa Google Imagens, eu cliquei na palavra imagem e digitei a frase original em português e a ferramenta de pesquisa abriu várias imagens, mas nenhuma delas tinha a ver com o sentido da minha frase.

Logo em seguida, pesquisei na ferramenta de pesquisa Google, palavra por palavra, a frase em inglês que o Google Tradutor traduziu, perguntando “Como pronunciar a palavra X em inglês? ”; Uma vez digitada essa pergunta, a ferramenta de pesquisa Google me sugeriu algumas traduções em inglês para essas palavras e termos, assim, precisei escolher quais traduções expressavam sentido da minha frase em português. Por exemplo, eu digitei “Como pronunciar a palavra cansada em inglês? ” A ferramenta de

pesquisa Google me sugeriu alguns *sites* como o Linguee, o EnglishExperts, o Bab.la, o próprio Google Tradutor e alguns dicionários *online*.

No Linguee, por exemplo, encontrei a tradução para “revoltada” e “quebrar a cabeça”; no EnglishExperts, também encontrei a tradução de “quebrar a cabeça”, mas com alguns exemplos adicionais, contextualizados por meio de algumas frases; no dicionário Bab.la, encontrei a tradução de “competição”, “desistiu” e “cansou”; e na ferramenta Google Tradutor, encontrei a tradução de “pensando sobre”.

Nessa pesquisa, alguns *sites* me sugeriram a palavra “tired” como uma possível tradução para “cansada”. No entanto, identifiquei que, em inglês, essa palavra se refere a um cansaço físico, diferentemente da minha frase em português, que se referia a um cansaço mental; então, também recorri a um dicionário impresso, o Minidicionário Prático Inglês/Português e Português/Inglês, para verificar se encontrava as mesmas traduções da pesquisa na *internet* e se tinham o mesmo significado.

Nesse dicionário, eu não encontrei todas as traduções que a ferramenta de pesquisa Google havia me sugerido, então eu recorri a um dicionário *online*, o Bab.la, para certificar se as traduções eram as mesmas do dicionário impresso ou da ferramenta de pesquisa Google, mas, as poucas traduções que encontrei no dicionário impresso, eram as mesmas traduções da ferramenta de pesquisa Google. Eu recorri também a outros dicionários *online* como o Michaelis¹, onde encontrei exemplos de frases e explicações sobre alguns termos que me auxiliaram a identificar quais os termos e palavras se adequavam à minha frase em português.

Logo após passar pelas etapas narradas anteriormente e de pesquisar em vários *sites* e dicionários *online*, elaborei algumas possibilidades de frases em inglês que expressam um sentido semelhante à frase original que eu criei em português. No quadro a seguir, apresento o resultado dessa pesquisa.

1 Endereço completo dos *sites*-ferramentas: <<http://bab.la>>;<<http://www.linguee.com.br>>; <www.englishexperts.com.br>;< <http://michaelis.uol.com.br> >; < www.google.com.br >; < <https://translate.google.com.br> >.

Frase original em português						
Ana	cansou de	quebrar a cabeça	pensando nas	olimpíadas de matemática	revoltada	desistiu da competição
Frase traduzida para o inglês pelo tradutor						
Ana	tired of	breaking my head	thinking about	the Math Olympics	angry	the competition gave up
Resultado da minha pesquisa sobre como traduzir os termos para o inglês						
Ana	fed up with; sick of	to rack one's brains	Thinking of	Mathematics Olympiads; Mathematical Olympiad; Math Olympics; Olympic Mathematics.	Disgusted; frustrated; annoyed; irritated.	Ana dropped out the contest Ana has withdrawn from the contest Ana quit the competition Ana left the competition. Ana has forsook the contest Ana desisted from the competition Ana gave up the tournament
Algumas possibilidades adequadas de tradução da frase que criei						
Ana was/got fed up with racking her brains thinking of the Olympic Mathematics, frustrated she has withdrawn from the contest.						
Ana sick of racking her brains thinking of the Mathematics Olympiads, annoyed she quit the competition.						
Ana was/got fed up with racking her brains thinking of the Mathematical Olympiad, frustrated she gave up the tournament.						
Ana sick of racking her brains thinking of the Math Olympics, irritated she quit the contest.						

O que aprendi sobre o tradutor e sobre a tradução...

Nesse trabalho de pesquisa por uma tradução adequada do português para o inglês, aprendi que para traduzir um texto ou uma frase devemos seguir alguns passos, pois, pode ser que a tradução feita pelo tradutor, em um primeiro momento, não expresse o real sentido de uma frase de uma língua para outra. Ademais, após traduzirmos um texto para o inglês usando a ferramenta de tradução, podemos fazer correções na frase a partir da própria ferramenta, utilizando a opção de sinônimos que o Google Tradutor sugere.

Um detalhe que precisamos nos atentar se refere às opções de certo e errado disponível na ferramenta, pois quando clicamos em cima de uma palavra traduzida, o tradutor sugere uma outra tradução. A esse respeito, aprendi que, quando sugerimos uma correção de uma tradução automática feita pela ferramenta, nós podemos colaborar para melhorar as traduções oferecidas pelo Google Tradutor.

Outro aprendizado importante sobre o tradutor é que, algumas vezes, a ferramenta não corrige as palavras que não estão acentuadas e que possuem erros de digitação. Quando isso acontece, o Google Tradutor não traduz o termo ou palavra. Por outro lado, há vezes em que o tradutor oferece algumas sugestões de correção com a seguinte frase “Você quis dizer...”. Por exemplo, se digitarmos a frase “O Colégo estará em greve amanhã”, o tradutor sugere “Você quis dizer: O Colégio estará em greve amanhã” para que possamos rever o nosso erro.

Com esta pesquisa, descobri várias funções do tradutor que desconhecia. Por exemplo, o tradutor tem vários ícones e cada um tem uma função, por exemplo, há a função de ouvir a pronúncia das palavras ou frases; há a função de usar o teclado digital, um teclado que aparece na tela do computador e, também, a função que permite os usuários darem sugestões de traduções às traduções feitas pela ferramenta.

Durante o trabalho de tradução nesta pesquisa, aprendi vários significados de palavras do inglês para o português que ainda não conhecia, contudo, acredito que o conhecimento mais importante sobre o tradutor que adquiri foi que o Google Tradutor é uma ferramenta bastante útil para tradução, mas que uma tradução adequada ou inadequada está associada à forma com que cada usuário se apropria e ressignifica a ferramenta e das várias outras fontes de consulta disponíveis na *internet*.

CONCLUSÃO

No decorrer da minha pesquisa, descobri que o tradutor pode ser um aliado no ensino e aprendizagem de inglês porque permite: ensinar a traduzir textos do português para o inglês e do inglês para o português; desenvolver as habilidades de produção oral, a partir da possibilidade de ouvir a pronúncia das palavras e frases que a ferramenta oferece; ensinar sinônimos e antônimos, por meio das sugestões que o tradutor disponibiliza; desenvolver as habilidades de produção escrita; ensinar questões de

ortografia, a partir das sugestões de certo e errado da ferramenta; ensinar vocabulário, expressões idiomáticas e gírias, a partir dos exemplos de frase oferecidos pelo tradutor; ensinar classes gramaticais; e algumas outras.

Neste artigo, me surpreendi com o que identifiquei porque, na minha primeira pesquisa com o tradutor para traduzir textos do português para o inglês, eu descobri que o Google Tradutor em alguns momentos traduz só as palavras. Assim, aprendi que uma tradução por meio do Google Tradutor pode ser adequada ou inadequada, dependendo de como nós usamos a ferramenta. Além disso, também aprendi que, às vezes, o sentido de uma frase não está nas palavras em si, mas no conjunto e união delas e que cabe a nós, usuários da ferramenta de tradução, identificar qual a melhor tradução para certas palavras, termos e expressões.

Durante a realização desta pesquisa, me questionei sobre quais seriam os passos para traduzir um texto do português para o inglês, com o auxílio do Google Tradutor, no entanto, por meio deste estudo, percebi que cada usuário poderá seguir passos diferentes para traduzir o texto que procura. Na busca por uma tradução adequada da frase que me propus traduzir, além do Google Tradutor, precisei recorrer à ferramenta de pesquisa Google para pesquisar em vários outros *sites* algumas possibilidades mais adequadas de tradução da frase, logo em seguida, visitei os *sites* Linguee, EnglishExperts e alguns dicionários *online* como o Bab.la e o Michaelis.

Ademais, identifiquei que, em um processo de tradução, podemos corrigir uma frase traduzida por meio dos sinônimos que o Google Tradutor oferece; além disso, podemos digitar na ferramenta de pesquisa Google a seguinte pergunta “como que se pronuncia a palavra X em inglês?” ou “Como dizer X em inglês?”. Podemos, ainda, digitar a palavra ou frase entre aspas na ferramenta de pesquisa Google para que a ferramenta busque em outros *sites* se a nossa frase já foi escrita em algum lugar e se ela existe.

Nesta minha experiência com o tradutor, identifiquei que as principais diferenças entre o Google Tradutor e o dicionário são: a velocidade com que podemos ter um texto traduzido e encontramos a tradução de uma palavra no tradutor; os recursos de escuta de pronúncia das palavras e frases; as opções de correções que o tradutor oferece e, sobretudo, a possibilidade de corrigir uma tradução na própria ferramenta de tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, K. L. O. A integração da língua e da cultura no processo de tradução, 2007. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=883. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

ALMEIDA, J. A leitura do mundo por meio dos sentidos: histórias de ensino, aprendizagem e deficiência visual. 2008. 201 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

ALMEIDA, B. A escrita funcional do professor como ferramenta para a qualificação do ensino e da aprendizagem. In. PENTEADO, H. D.; GARRIDO, E. (org.). Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 177 - 214.

BENGEZEN, V. C. Histórias de aprendizagem de língua inglesa e de formação de professores. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Asking questions about telling stories. In: Writing Educational Biography: explorations in qualitative research. Critical Education Practice (vol.13), Garland Reference Library of Social Science, Volume 1098, New York and London. P: 245- 253, 1998.

_____. Narrative inquiry: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2, 2000.

_____. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa; Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. – Uberlândia, EDUFU, 2011, p. 250.

DEMO, P. Tecnologia em Educação e Aprendizagem. Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação, CESGRANRIO, Rio de Janeiro, v. 10, n.35, p. 201-222, 2002.

_____. Marginalização Digital: Digital divide. Boletim Técnico do SENAC, v. 33, p. 5-19, 2007.

ELY, M. In-forming re-presentations. In D. J. Clandinin (Ed.), Handbook of Narrative Inquiry: Mapping a Methodology. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc. 2007, p. 567-598.

ELY, M.; VINZ R.; DOWNING, M.; ANZUL, M. On writing qualitative research: living by words. London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2001. 411p.

FERNANDES, G. M. F. Era uma vez um professor de inglês recém-formado, um mestrado e um curso de extensão sobre tecnologias digitais. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

GEE, J. P. Situated Language and Learning – A critique of traditional schooling. New York: Routledge, 2004.

GUERRA, M. D. S. Pesquisa – ensino na formação do professor – pesquisador: (re) leitura de uma experiência docente. In: PENTEADO, H. D.; GARRIDO, E. (org.). Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 299 - 386.

NÓVOA, A. (org.). Vidas de professores. Porto, Portugal: Porto, 1995.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (org.) Vidas de professores. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.

PAIVA, V. L. M. A formação do professor para uso da tecnologia. In: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Orgs) A formação de professores de línguas: novos Olhares - Volume 2. Campinas, SP: Pontes Editores, pg. 209-230, 2013.

PENTEADO, H.D. Pesquisa – ensino e formação de professores. In: PENTEADO, H. D.; GARRIDO, E. (org.). Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, 2010. p.45 - 69.

PIRUZELLI, M. P. F. Ambiguidades linguísticas no inglês e a tradução automática inglês-português: um estudo exploratório. 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, Araraquara, 2011.

PORTO, T. M. E. Pesquisa – ensino: relação universidade/escola e articulação teoria/prática. In: PENTEADO, H. D.; GARRIDO, E. (org.). Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, 2010. p.95 - 122.

SOUZA, J. P. Teorias da tradução: uma visão integrada. Revista de Letras, Universidade Federal do Ceará, nº 20 – Vol. 1/2. jan/dez, 1998.

SOUZA, L. M. T. M. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: Jordão, C.M., Martinez, J.Z. & Halu, R.C. (orgs.) Formação “desformatada”. Práticas com professores de Língua Inglesa. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 277 – 303.

SOBRE OS AUTORES:

Deuzimar Maria de Freitas - Possui graduação em Letras (Português-Inglês) pela Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Alto Araguaia.

Gilmar Martins de Freitas Fernandes - Possui graduação em Letras (Português-Inglês) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, professor de Língua Inglesa e Linguística Aplicada na Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Alto Araguaia, e membro do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores (GPNEP).